

A pedinte. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

Uma simples vista descortina logo a historia dos personagens que formam o simples, mas pathetico assumpto d'este quadro.

Uma rapariga de sete a oito annos, quando muito, estende a sua mãosinha, e inclinando a sua bella cabeça, com a expressão virginal e attractiva de piedade e de innocencia, pede ao viandante uma esmola para aquelle desgraçado velho que no fundo se divisa.

Pela extrema distancia das edades, porque o pobre pisa os degráos do tumulo, porque a infeliz criança desponta apenas na aurora da vida, e tem sáia preta, vê-se que é uma orfã de pae e mãe, que implora a caridade.

Presenciâmos uma d'essas scenas inimitaveis de uma sociedade ainda por moldar nos verdadeiros moldes da virtude; uma d'essas scenas que desmentem eloquentemente os falsos e maliciosos interpretadores do espirito humano; uma d'essas scenas que accusam e absolvem ao mesmo tempo a humanidade, que captivam e repellem o coração, que lisonjêam e indignam a intelligencia.

Nada sabemos da vida d'aquelle velho; mas podêmos já dizer, sem receio de andarmos muito longe, que foi uma victima arrojada á miseria e á mendicidade pelos vicios sociaes, porque na actual sociedade o homem não se precipita em similhantes abysmos só por sua unica culpa.

Todo o que olha para o desgraçado, e lhe brada — *tu es o auctor da tua sorte* — cospe-lhe no rosto um insulto que salpica a humanidade inteira, e absolve os erros de uma constituição social, que só dispensa á maioria os bens que são como as estacadas dos que a minoria desfructa.

A indolencia não é filha da natureza, porque a inercia é opposta á vida: é um estado anormal, uma doença physica e moral, que não póde naturalmente nascer de um machinismo, cuja primeira, essencial e caracteristica condição da vida é o movimento.

Quando o homem cáe na indolencia, é que alguma causa, que não reside n'elle, exterior, portanto, lhe apagou a chamma vital do pensamento, e lhe fatigou inutilmente as forças physicas. Caindo breve, se de compleição debil, caindo menos facilmente, se de compleição vigorosa, mas caindo sempre; porque, quando desanimou, não ouviu um conselho amigo; porque, quando empallideceu, ninguem lhe deu a aspirar um d'esses aromas que reanimam os sentidos; porque, quando o seu corpo se curvava para rojar no chão, não houve um braço humanitario que o sustesse e levantasse.

A menor de todas as virtudes que a sociedade nutre é a fraternidade.

Sustentar a vida não é um proposito d'amor; é uma questão de guerra. Para ganhar pão é necessario armarmo-nos com armas mil vezes mais odiosas que os canhões raiados.

O soldado militar, que é victima d'estas, fica com o corpo mutilado, mas a sua alma permanece toda inteira; e se é ferido mortalmente, o seu ultimo suspiro é um grito de enthusiasmo extremo, um grito de vida.

No acampamento social, porém, dispara-se contra o coração o veneno da inveja, da intriga e da calumnia. Quem, depois de perder aquelle orgão, pôde sobreviver, ganhou; mas o que succumbiu ficou para sempre fóra do combate. Tem que empenhar outro genero de lucta, lucta isolada e mais difficil, lucta comsigo proprio, lucta entre as exigencias legitimas da sua conservação material e a miseria, lucta entre a vida e a morte, ambas alternadamente desejadas, ambas eternamente presentes.

Para entreter esta outra especie de lucta, ha tres estradas: a mendicidade, o roubo, e o assassinio.

Não tratando de curar as causas, a sociedade condemna as duas ultimas, unicamente porque a incommodam; tolera a primeira, unicamente porque não lhe faz mal.

É que a sociedade não se reputa devedora a quem padece e tem fome; e se, quando morto, enterra o desgraçado, é ainda para não se incommodar com as exhalações deleterias da putrefacção.

Na mendicidade arrasta a existencia o velhinho do nosso quadro, e á mendicidade váe acostumando aquella infeliz orfãsinha, a quem tomou para melhor mendigar o pão da caridade.

N'um está o ser humano anniquilado pelos vicios organicos da sociedade; na outra o ser humano envolto ainda na corolla virginal das virtudes naturaes.

Não tarda, porém, que esta corolla se creste, desfolhe e dissimine pela estrada. O vento perderá as petalas mirradas no infinito dos espaços, e o corpo desprotegido será prêsa das rapinas da desmoralisação publica.

Por em quanto o velhinho e a orfã são felizes. Elle já não aspira a mais: ella ainda não desperta os vicios, e a magia da sua innocencia não deixa passar o viandante sem receber esmola.

Quando, porém, houver passado mais alguns annos, em logar de a esmolarem, perguntar-lhe-hão que edade tem, e quando mulher....

Quem desliga aquelle velho da fatal necessidade do auxilio da desgraçada orfãsinha, e quem a salva do abysmo que a espera?

Eu respondo pela sociedade:

Ninguem!

NOGUEIRA DA SILVA.

O CHRISTIANISMO NA CHINA.

Sua introducção, depois de descoberta a India por Vasco da Gama. — Successos mais notaveis, principalmente no que é relativo á questão do real padroado portuguez.

II.

(Continuação).

Em 1722 o bispo de Nankim, D. Frei Manuel de Jesus Maria, enviou a Frei Manuel das Chagas (ambos varatojanos), seu vigario geral, a visitar a respectiva diocese. Visitou elle mais de cem mil christandades ou familias catholicas, tendo só podido percorrer uma parte da diocese, por causa de perseguições que então se suscitaram. Nas outras provincias havia egualmente numerosas christandades, e todas eram devidas ao zelo dos missionarios enviados e sustentados pelo real padroado portuguez.

Alguns modernos escriptores estrangeiros, procurando, por effeito de mesquinhas paixões, abater e denegrir os serviços e feitos dos portuguezes, dizem que taes resultados foram bem insignificantes, quando se comparam com a população de mais de trezentos milhões d'almas, que conta o imperio chinez; e que as missões portuguezas nunca prosperaram, nem podiam prosperar, com o anomalo governo do padroado real. Mas acham-se por ventura mais prosperas as missões da China depois que de facto passaram para as mãos da propaganda? Ninguem ousará, por certo, dar resposta affirmativa.

Vejamos, pois, com a imparcialidade e circumspecção com que cumpre tratar taes assumptos, quaes são as verdadeiras causas dos poucos progressos que em todos os tempos, no celeste imperio, tem tido a religião de Christo.

O povo chinez é, por indole, extremamente desconfiado. O christianismo foi sempre tido, na opinião dos chins, como um pretexto ou meio, que os europeus empregavam para avassallar o seu paiz. Esta persuasão radicou-se de tal modo no proprio governo, que, sendo no imperio tolerados todos os cultos, ou antes, havendo a mais completa e profunda indifferença em materias de religião, só os christãos são perseguidos e reputados como pertencentes ás seitas politicas ou sociedades secretas que, nos ultimos tempos, tem conspirado contra a actual dynastia. Sempre as auctoridades tem allegado estes motivos em todas ou quasi todas as perseguições que, ha duzentos annos, tem assolado as christandades da China.

Já em 1615, reinando ainda Van-ly, declarado protector dos europeus, sendo apenas passados cinco annos depois da morte de Mattheus Ricci, o tribunal dos ritos, n'um memorial ou representação que o imperador approvou, pediu que os missionarios fossem expulsos e mandados para Macau, como suspeitos de machinarem contra o imperio. Esta deliberação não foi logo executada, mas veiu, mais tarde, a produzir effeito.

João Adam Schaal gozou de grande privança com o imperador Sun-che, já mencionado, o que lhe grangeou grande ciume e odio da parte dos grandes mandarins, que levaram á execução seus projectos de vingança logo que morreu o dito imperador em 1662. Adam Schaal e tres dos seus companheiros foram presos e postos a ferros nos carceres de Pekim, e condemnados depois a serem esquartejados vivos, como réos d'alta traição. Os demais jesuitas, que eram ao todo vinte e cinco, foram reenviados para Macau. A sentença de morte ter-se-hia executado, se não sobreviera um terremoto, que foi julgado pelos chins como aviso do ceo a favor da innocencia dos suppostos réos, aos quaes por isso restituiram a liberdade.

Kam-hi, sendo de menor edade, succedeu a Sunche: em 1666 tomou as redeas do governo, tendo apenas treze annos. Conhecendo os missionarios que elle não lhes era desfavoravel, apresentaram-lhe, em 1669, um memorial, em que pediam a revogação do decreto publicado em 1664 contra a religião christã; que Adam Schaal, já então fallecido, fosse rehabilitado na dignidade e honras com que o agraciára o imperador Sun-che; que os jesuitas mandados para Macau fossem de novo chamados a Pekim; e, finalmente, que fossem reedificadas as egrejas, e permittido o livre exercicio do christianismo. Este memorial, segundo as regras do governo chinez, foi remettido ao tribunal dos ritos para informar e dar parecer. A resposta do tribunal foi,

que longe de ser revogado o decreto de 1664, devia antes ser de novo confirmado. Esta opinião não agradou a Kam-hi, que commetteu o exame d'este negocio ao conselho d'estado. Este opinou diversamente, mostrando-se em tudo favoravel á pretenção dos europeus. O imperador, porém, não seguiu nenhum dos dois pareceres, e só ordenou que Adam Schaal fosse rehabilitado nas honras de que gozára no reinado de seu pae, e que a religião christã fosse tão sómente permittida em Pekim e nos seus arredores. Esta permissão foi ampliada em 1692 a todo o imperio, depois que o padre Verbiest fundiu n'aquella capital as peças d'artilheria, que ainda alli existem, achando-se em algumas raspado o nome do seu auctor; e depois de se terem feito pazes entre os russos e os chins, por intervenção dos jesuitas Pereira e Gerbillon: serviços de que parece foi premio a concessão referida.

Começou então o periodo brilhante do christianismo na China. Os missionarios que de Pekim partiam para as provincias eram recebidos com grandes honras pelos mandarins das cidades de segunda e terceira ordem, e qualquer desattenção para com elles era logo punida. Os mandarins, sollicitos em conseguir a amizade e favor dos europeus, protegiam os christãos até mesmo quando estes, abusando da protecção, praticavam injustiças contra os gentios. Tudo, em summa, parecia sorrir e fortalecer aquellas christandades.

Esta situação em breve mudou de face com a morte de Kam-hi, succedida em 1723. Seu successor, Ium-cham foi devasso na mocidade, e até socio dos bandidos, que por aquelle tempo infestaram o imperio; mas, subindo ao throno, tornou-se outro homem, e fez bom governo. Foi, porém, cruel perseguidor da religião, não tanto por odio contra ella, mas por se vingar dos europeus, de quem recebêra offensas.

A perseguição rebentou com violencia em todo o imperio, e assim era natural que acontecesse. Os mandarins humilhados pelas honras que tinham prestado a estrangeiros, e os pagãos irritados contra os catholicos, que se tinham tornado insolentes no anterior reinado, exerceram contra estes, culpados ou innocentes, toda a especie de avanias.

Os europeus residentes fóra de Pekim foram presos e conduzidos a Macau; as egrejas foram arrazadas, e seus bens confiscados; e os christãos padeceram tão crueis perseguições, que christandades inteiras renunciaram a religião de Jesus Christo.

Em tão tristes circunstancias, julgaram os jesuitas que seria util enviar uma embaixada á China, e por insinuação d'elles el-rei D. João V mandou uma embaixada a Ium-cham, pedindo que fosse livre o exercicio da religião, como no tempo de Kam-hi, seu pae. O imperador recebeu em Pekim a embaixada com toda a pompa, porém nada concedeu do que se lhe pedia. Tudo continuou no mesmo estado até 1736, em que Ium-cham, procurando a immortalidade em certa bebida, n'ella encontrou a morte.

Abrandou a perseguição no começo do immediato reinado de Kien-lum, e houve esperança de que este imperador fosse favoravel ao christianismo. Mas, sem ser d'elle inimigo nem perseguidor, não impediu, se é que indirectamente não influiu nas terriveis perseguições que, durante o seu governo, assolaram a christandade de Fo-kien, e muito mais a de Nankim, em 1747 e 1748. Dez annos sem interrupção durou esta ultima, e n'ella morreram em prisão os dois padres jesuitas Antonio José Henriques, portuguez, e José de Attemis, italiano. Estas christandades, outr'ora tão florecentes, ficaram reduzidas a sete ou oito mil christãos.

No reinado d'este imperador, Kien-lum, foi a celebre embaixada do nosso Metello, que deixou de si grande fama no celeste imperio. Fallecido em 1796, teve Kia-kim por seu successor. No primeiro anno da sua accessão ao throno, ordenou que ninguem fosse inquietado por suas crenças religiosas, com tanto que observasse as leis do estado; o que deu aos christãos esperança de gozarem alguns dias de paz; mas de curta duração foram.

No decimo anno d'este reinado, em 1805, um accidente, de que adiante fallaremos mais d'espaço, veiu renovar os tempos de provação para as christandades da China. Nos anteriores reinados tinham os christãos sido muitas vezes perseguidos; mas nenhuma lei tinha determinado a pena em que incorreria qualquer chim que professasse a religião do Crucificado. N'aquelle anno, porém, Kia-kim fez inserir no codigo penal o castigo de desterro perpetuo e de escravo de mahometanos, a todo o christão que não abjurasse a sua religião. Esta lei iniqua acha-se até hoje em vigor, mesmo depois da tão apregoada e decantada liberdade da religião christã na China, que o governo francez julgou ter obtido com a embaixada de mr. Lagrannée, em 1844.

É evidente que a perseguição quasi continuá, que o christianismo ha soffrido na China, tem opposto grave obstaculo á sua propagação; mas a principal causa dos poucos progressos que tem feito, e de não ter lançado raizes assaz profundas entre o povo chinez, provém essencialmente da indole d'este, que só se move pelos interesses mundanos e materiaes. É muito expressivo e verdadeiro o pensamento de certo missionario, que querendo explicar o caracter d'esta nação, dizia: que se o christianismo se não denominasse, na China, a religião do senhor do ceo *Tién-chu-chiau*, mas sim a religião do deus das riquezas, todo o celestial imperio já teria abraçado a doutrina do Evangelho.

Os chins são de tal modo dominados pelos interesses temporaes e pelas cousas que operam sobre os sentidos, que todos os actos da sua vida revelam o mais completo materialismo. Ganhar é o seu unico fito. Todas as suas faculdades, toda a sua energia se emprega em adquirir riquezas e gozos materiaes. Não crêem no que é espiritual, no que se refere a Deus, á alma, á vida futura; ou antes, não se occupam, nem se querem occupar de taes cousas. Se succede lerem livros moraes ou religiosos, é unicamente para se entreterem, divertirem, ou passarem o tempo. Para os chins é isto occupação ainda menos séria, do que fumar ou tomar chá. Se se lhes explicam os fundamentos da fé, os principios do christianismo, a importancia da salvação, a certeza da vida futura, etc., todas estas verdades, que tanto impressionam o espirito, mesmo dos que tem pouca religião, de ordinario ouve-as o chim com satisfação, porque o divertem e excitam a sua curiosidade. Admitte e approva tudo que lhe dizem; não põe a menor difficuldade, nem a mais pequena objecção. Na sua opinião tudo é verdadeiro, bello, magnifico: bem depressa elle proprio se transforma em prégador, e eil-o fallando vehementemente contra os idolos, e a favor do christianismo. Deplora a cegueira dos homens que dão apreço aos frageis bens d'este mundo, e, sendo necessario, discorre maravilhosamente sobre a felicidade de conhecer o verdadeiro Deus, de o servir, e de merecer a vida eterna. Ouvindo-o assim dissertar, julgal-o-hiam quasi convertido á fé, ou já christão; e todavia nem um só passo avançou n'este caminho.

Não se julgue que, em tal caso, o chim procure illudir. Suas palavras, até certo ponto, são sinceras. O que elle diz, acredita-o; ou pelo menos não se oppõe ás suas convicções, que consistem em não tomar muito a serio as questões religiosas. Falla d'ellas,

como de cousas que não lhe dizem respeito, e que não são feitas para elle. Os chins levam a tal ponto a indifferença religiosa, que não lhes importa averiguar se a doutrina que lhes apresentam é verdadeira ou falsa, se é boa ou má. Para elles, uma religião é uma especie de moda, que cada qual póde adoptar segundo seu gosto.

Além d'estas causas, que se oppõem constantemente aos progressos do christianismo na China, outras tem havido accidentaes, mas bastante graves, occasionadas, infelizmente, pelos proprios obreiros evangelicos. A principal d'ellas foi a celebrada questão dos ritos chinezes, agitada entre os jesuitas e os dominicanos. Estes condemnavam como supersticiosas certas ceremonias praticadas pelos chins, desde a mais remota antiguidade, nos casamentos, nos funeraes, na veneração dos seus antepassados, e principalmente nas que tributam a Confucio; ao passo que os jesuitas as consideravam como meramente civis, e compativeis com o catholicismo. Esta questão, de sua natureza difficil, mais embaraçada se tornou entre taes contendores, pela vehemencia com que a disputavam, fazendo-a de simplesmente theologica que era no seu principio, tambem civil e politica. Os jesuitas recorreram até ao imperador e letrados chins, pedindo-lhes seu parecer, que foi conforme á opinião que defendiam, e que, em geral, era seguida pelos christãos indigenas. Isto produziu grande divisão entre os missionarios e entre as christandades. De ambas as partes se recorreu a Roma, que decidiu a questão, ora pró, ora contra, segundo o modo como lhe foi exposta, aggravando ainda o mal por suas decisões contrarias.

Entendeu a santa sé, que poria termo a tão deploraveis perturbações, enviando a Pekim um delegado apostolico. O cardeal Tournon partiu para a China em 1701. Passando por Manila, nas ilhas Filippinas, logo alli teve desgostos graves, indispondo-se com o governador, a quem não pagou visita, e suspendendo alguns jesuitas, accusados de serem negociantes. Em Macau foi bem recebido, apesar de já indispostos tambem contra elle o governador e os jesuitas. Chegou a Pekim em 1705, sendo acolhido lisongeiramente pelo imperador Kam-hi com as costumadas ceremonias chinezas, devidas aos embaixadores estrangeiros. Tendo, porém, depois, o cardeal, no desempenho da sua missão, condemnado os ritos chinezes, o imperador n'uma outra audiencia em que o recebeu lhe mostrou os grandes caracteres da linguagem escripta do paiz, perfeitamente desenhados (tão estimados entre os chins, como entre nós os quadros de Rafael, de Miguel Angelo, ou de Murillo), e lhe perguntou a sua pronuncia e significação. Como o cardeal nada soubesse, o imperador lhe disse, que muito estranhava que os europeus, que nem sequer entendiam nem conheciam as letras chinezas, se atrevessem a condemnar usos e costumes tão venerandos na China, e alli praticados desde a maior antiguidade. Este incidente revelou logo intenções hostis, que não tardaram a manifestar-se.

O cardeal Tournon partiu pouco depois para Macau, onde morreu, victima das intrigas dos jesuitas, segundo disseram os inimigos d'estes. No entanto publicou-se em Pekim um decreto, prohibindo que nenhum europeu residisse na China sem licença especial do imperador, e que a ninguem seria concedida, sem que primeiro approvasse os ritos e costumes do celeste imperio. Esta determinação era já bastante desfavoravel á religião christã; porém novos males ainda lhe trouxe a embaixada de Mazzebarba, patriarcha de Antiochia, que, enviado de Roma, chegou a Pekim em 1721. Alli, cercado pelos jesuitas, no dizer dos adversarios d'estes, e não podendo consultar outros missionarios e christãos da China, approvou, debaixo de certas restricções, os ritos que tinha condemnado o cardeal Tournon; o que foi nova e funesta origem de recriminações e perturbação.

Estas duas embaixadas não só não pozeram termo, antes aggravaram as fataes consequencias da questão dos ritos em relação ás missões entre si; mas, o que talvez foi ainda peor, produziram odio e desprezo, pelos europeus e pela sua religião, da parte do orgulhoso povo chinez, vendo que homens tidos por barbaros vinham do extremo occidente proscrever usos e costumes consagrados pelos maiores sabios da sua nação, e observados desde os tempos de Iau e Xun, os santos ou primitivos imperadores da China.

(Continúa).

CARLOS JOSÉ CALDEIRA.

MAGAS.

Á extremada formosura de sua mãe Berenice, deveu Magas a sua exaltação e poderio. A gentil viuva de Filippe, não obstante a sua infima origem, e a do fallecido esposo, valeu-se de taes artes para captivar as attenções de Ptolomeu Sotero, [1] que logrou partilhar com elle o throno do Egypto; e Ptolomeu II, appellidado depois o Philadelpho, nasceu d'este enlace.

Estivera até então dependente e submissa a Ptolomeu Sotero toda a região da Cyrenaica, assim denominada em razão de ter por capital a famosa e opulenta Cyréna, colonia grega estabelecida na Lybia, sobre o litoral africano; mas a sua população, naturalmente inquieta e turbulenta, sublevou-se; e Magas, recorrendo a sua mãe, obteve o commando da expedição que a toda pressa se aprestou contra aquelle paiz. [2] Para lhe galardoar a intrepidez e a presteza com que submettêra á obediencia os revoltosos, e ainda por fineza á rainha, seu padrasto houve por bem confiar-lhe o governo da Cyrenaica, pelos annos 306 antes da era vulgar. Foi então que o illustre governador esposou Apaméa, filha d'Antiocho *Theos* — o deus — rei da Syria, e neta de Seleuco *Nicanor*, o Victorioso.

Por longos annos prestou elle obediencia e homenagem ao rei Philadelpho; porém, no anno 264 antes de J. C., cedendo ás instancias da sua ambição, persuadiu aos cyrenenses uma revolta geral; e á frente dos rebeldes marchou a invadir o Egypto, não sem ter primeiro destruido a cidade de Cyréna, arrasando-lhe as fortificações, para que o inimigo a não appetecesse.

Aos primeiros boatos de tão espantosa sedição, Philadelpho guarneceu de tropas todos os desfiladeiros, e resolveu esperar os cyrenenses. Magas assenhoreou-se da cidade de Paratonium, e dirigiu-se para as raias do Egypto: informado, porém, no caminho, que os marmáridos, povos nomades da Lybia, haviam aproveitado o ensejo da sua ausencia para sacudirem o seu dominio, abandonou o primeiro designio, e a toda a pressa regressou a Cyréna. Philadelpho deveria perseguil-o, se a prudencia o não induzisse a desconfiar das suas tropas; pois tendo assoldado, para subjugar Magas, uma legião de 4000 gaulezes, esteve a ponto de perder o throno; pois que estes mercenarios, como elle só soube por uma

[1] Vide o artigo que escrevemos ácerca de Ptolomeu Sotero, n.º 11, pag. 83, d'este vol.

[2] A esta fertil região egualmente appellidavam *Pentapolis*, em razão das suas cinco cidades principaes, que eram Cyréna, Apollonia, Ptolomaida, Arsinoe e Berenice. Em Cyréna nasceu Aristippo, discipulo de Socrates, que tão famoso foi sob o reinado de Syracusa, 400 annos antes de J. C. Com a derrota de Antonio em Actium, a Cyrenaica seguiu o destino do Egypto, e caiu escrava dos romanos; d'estes passou para o dominio dos arabes, e depois para o dos turcos.

denuncia, estavam conjurados e decididos a libertarem o Egypto: diz-se que o monarcha egypcio os desterrou, mandando-os descer o Nilo até uma ilha deserta, onde pereceram todos.

Magas, valendo-se do seu parentesco, persuadiu seu sogro Antiocho I, a que declarasse guerra ao Egypto, em violação dos tratados feitos entre seu pae Seleucho, e Ptolomeu Sotero. Apenas, porém, Philadelpho soube que Antiocho se preparava para o atacar, enviou para todos os territorios dependentes d'aquelle principe, emissarios clandestinos, incumbidos de tentarem a fidelidade da população, e com insinuações de excitarem á guerra os que a pudessem mover, e á pilhagem os que menos destemidos parecessem. Este ardil cercou Antiocho de taes estorvos, que lhe apagou do animo o appetite de devastar o Egypto. Foi então que o sedicioso Magas, vendo mallogrado tudo quanto tramára em prejuizo de Philadelpho, encetou uma negociação com elle, e em signal de eterna alliança concedeu a Ptolomeu *Evergetes* (o bemfeitor), primogenito de Philadelpho, sua filha Berenice; clausula a que nenhum dos contratantes se esquivou.

Magas tendo regido a Cyrenaica quarenta e dois annos sob o titulo de governador, e oito como rei, acabou victima da sua voracidade. Apenas conseguiu ver-se tranquillo e livre dos sustos da guerra, entregou-se totalmente aos prazeres do ocio e da gula; com a velhice ganhou tão monstruosa obesidade, que morreu suffocado na sua propria gordura, 256 annos antes da era de J. C.

J. G. DOS SANTOS LIMA.



Castigo dos escravos em Madagascar.

Os castigos que na ilha de Madagascar dão aos escravos, são tão asperos e deshumanos como os de outras partes onde ha escravidão. Nos que na estampa se representam, dá-se porém a circunstancia de não impedirem o trabalho.

Uma das especies consta de duas taboas cada uma com dois pés de comprido, e um pé ou dez pollegadas de largo, ligadas na altura do pescoço com hastes atravessadas.

Outro é um collar de ferro (gargalheira) da grossura de tres quartos de pollegada.

Outro collar redondo tem duas ou tres espigas de ferro, do comprimento de seis ou sete pollegadas, espetadas dos lados da cabeça.

Além d'estes, poucos mais instrumentos de castigo e vergonha ha alli.

BRUXA ENBRUXADA.

Ensinou-nos o feiticeiro no seu *Manual* esta receita.

N'um vidro oblongo e bem cristallino lança-se azeite bem puro a ferver em cachão, tendo-se mettido primeiro no mesmo vidro um pedacinho de phosphoro do tamanho pouco mais ou menos de uma ervilha. Dois terços do vaso devem ficar vazios. Arrolha-se este muito bem, e está todo o preparo feito.

Quando se quer luz, destapa-se o vidro para lhe renovar o ar, e torna-se a rolhar. Apparece então luminoso todo o espaço dentro que ficou vazio; não que deslumbre, mas como a claridade de uma lamparina mal esperta, que deixa perceber, por exemplo, as horas n'um relogio de algibeira. Todas as vezes que a luz esmorece e se esvae, torna-se a desarrolhar, e o ar a reanima.

Sendo frio o tempo, deve-se ter cuidado, antes de destapar o vidro, em o aquecer; basta que seja com as mãos.

Um vidro assim preparado dá para seis mezes, servindo todas as noites.

ESCRAVATURA NA AFRICA ORIENTAL.

Ainda algumas palavras sobre scenas da escravatura.

Quando a comitiva que vem do interior, com os escravos a vender, chega ao sitio onde ha de pernoitar, trata de fazer a comida. Depois que os pretos tem comido, são mettidos em uma ou mais casas,

conforme o numero d'elles, onde ficam para dormir; porém a ponta da corrente, passando pelo buraco de um páo, que para isso se crava no chão, é puxada de fórma que corre, e ficam todos os prezos com as cabeças chegadas umas ás outras, mas alternados e em sentido opposto. A ponta da corrente que passou pelo buraco vem atar-se á perna ou braço do que fica de guarda aos prezos, de fórma que o mais pequeno movimento que façam é logo presentido por elle. Apenas é dia, são tirados, e tratam de fazer a comida, e pôr-se em marcha como na vespera, e assim vão indo até chegar ao seu destino. Ordinariamente no dia seguinte rapam-lhes as carapinhas, são muito bem lavados e depois muito bem untados com azeite. N'este estado é que são expostos á venda, para o que se põem em linha, e são examinados pelo comprador, começando pelos olhos, dentes,[1] barba, mãos, umbigo, scrotos, pernas e pés: fazem-os depois andar e fazer differentes movimentos, para mostrar que não tem lesão. As mulheres soffrem o mesmo exame, e um dos defeitos é terem os peitos caídos, a que chamam *talabardeiras*. Os escravos são divididos em tres classes: a 1.ª, a que chamam *péssa*, é o negro de 18 a 25 annos, bem feito, retinto, sem defeito algum; a 2.ª, chamada *pole d'agua*, é de 14 a 18, e sem defeito; a 3.ª, são os moleques de 12 annos para cima, sem defeito, mas que não pertencem a nenhuma das duas classes. Ha ainda os negros que, posto que moços e bem feitos, mas com barba, tambem são acceitos; mas é preciso que sejam vigorosos, e de pouca edade. N'este caso ha um processo para illudir o comprador, que vem a ser: poucas horas antes de se exporem á venda os pretos, rapa-se-lhes muito bem a barba, e com um seixo lizo e bastante quente lh'a esfregam de fórma que ficam com ella tão liza e macia, que antes de vinte e quatro horas não se conhece que tinham barba. As negras tem a mesma escolha: as da 1.ª classe são jovens de peitos atacados, isto é, levantados e em globo; as da 2.ª são ainda sem peitos, ou com o principio d'elles; todas as mais são rejeitadas.

Em outro tempo (até 1827), quando os francezes carregavam escravos para Bourbon, recebiam negros com barba, e negras talabardeiras, uma vez que fossem robustos, e rejeitavam os moleques. Os navios costumavam chegar de julho em diante, e os armadores alugavam feitoria em terra, onde se estabeleciam, e não tratavam senão de comer, beber e folgar, e assim passavam o tempo até que completavam a carregação. Geralmente os escravos comprados estavam no quintal da feitoria, onde eram bem alimentados, e todas as noites os faziam cantar e dançar para se distrahirem. Chegada a occasião do embarque, que por via de regra era na vespera da saída do navio, íam para bordo de gargalheira, em que sempre tinham estado, e então lá é que se lhes tirava e era substituida por um par de machos a cada dois negros, em que cada um d'elles ficava seguro por uma canela. Esta segurança era unicamente para os negros grandes, porque os moleques ficavam soltos, assim como as negras, que íam em alojamento separado dos homens, que eram mettidos no porão, que não tinha mais de quatro palmos de altura. Ficavam de fórma que era exactamente bem applicado o dito «como sardinha em pilha» estivados e de tal modo apertados, que não podiam mudar de posição. Justamente o que ha de mais horroroso n'este trafico, é a fórma por que são transportados. Faça-se idéa da afflicção que soffrerá um infeliz deitado de costas, totalmente nú, sobre as taboas, muitas vezes mal gradadas, com uma perna segura á de outro por um annel de ferro, e com o corpo comprimido por ambos os lados por outros infelizes, sem poder mover-se nem mudar de posição, com um calor fetido insupportavel. Logo que o navio começava a navegar, e por isso começavam os balanços, vinha o enjôo, e com elle todas as suas consequencias. Lançando e fazendo tudo uns por cima dos outros, assim estão os primeiros dias da viagem, em que muitos são victimas, e era rara aquella em que se não desenvolvia a epidemia a bordo, sobretudo a ophtalmia. Depois dos primeiros dias começam então a ír para o convez em pequenos turnos, para tomar o ar, já se vê sempre a ferros, e são rendidos por outros, isto sómente durante o dia. Assim vão até chegar ao seu destino. Dizem os especuladores d'este trafico, que depois de desembarcados os negros, por via de regra, o navio pelo menos anda oito dias a navegar. Durante elles não se faz senão baldear, esfregar, e defumar o navio com alcatrão, mas depois de todo este tempo e trabalho, quando entra no porto, os que vão de terra lhe percebem ainda um fedor insupportavel.

O exposto é em referencia ao tempo em que este commercio era licito. Agora passaremos a descrever a fórma por que elle se tem feito por contrabando. Por via de regra o navio que váe carregar negros, chegando ao porto onde espera compral-os, larga para terra uma embarcação com o encarregado do negocio, e em quanto este navega, o navio faz-se ao mar. O agente mal desembarca apresenta-se á auctoridade sob pretexto de arribada forçada, como agua aberta, falta d'agua, etc. Entretanto procura pessoa, se ainda a não tem, com quem se entenda sobre o verdadeiro objecto da sua arribada, e então se ajusta o preço e numero de negros que ha de carregar. A primeira cousa de que se tratava era dos emolumentos para obter a licença para carregar; ordinariamente eram de seis a oito mil pesos hespanhoes, repartidos da fórma seguinte (isto entende-se nos portos da provincia): metade dos emolumentos perpertenciam ao governador geral: dois terços da outra metade ao governador do districto: o resto era dividido pelo feitor ou almoxarife da fazenda, (depois empregados da alfandega), sub-delegado, e commandante da guarnição. Entretanto, o navio que de dias a dias se chegava á vista do porto, quando tudo estava prompto em terra, entrava ao signal que se lhe fazia. Em vinte e quatro horas tinha a carga a bordo, e ía de vela. Na capital poucas vezes se faziam embarques, e quando alli se ajustava alguma carregação, íam tomal-a no continente. Os emolumentos eram mais puxados n'este caso, porque os empregados que os recebiam eram mais graduados, e tanto por isso, como por ter mais riscos, por causa do cruzeiro inglez, que é alli muito frequente, poucas vezes se faziam alhi embarques.

Em 1855 resuscitou o contrabando, que já era muito raro; mas então foi debaixo do judicioso pretexto de colonos livres engajados pélos francezes para a ilha da Reunião, e o systema que se poz em pratica foi o seguinte. Estabeleceu-se uma commissão na capital, composta das primeiras auctoridades, que recebia dos carregadores 45 pesos por cada negro que embarcava, e pagava 35 por cada um a quem lh'os vendia. Os 10 restantes eram divididos entre si. Estes colonos eram engajados livremente pela persuasão muito convincente da gargalheira, e assim agrilhoados eram livremente conduzidos para bordo, e levados livremente para o seu destino. Em 1857 entraram em Quillimane cinco navios francezes: os quatro primeiros carregaram 1235 negros: o ultimo carregou 242 homens, 41 mulheres, e 35 rapazes, fazendo o total os cinco navios de 1553 negros, dos quaes só a auctoridade local teve 4 pesos de cada um, ou ao todo 6:212.

Trataremos agora da escravatura local.

[1] Vide gravura a pag. 369 d'este vol.

Perdoem-nos os philanthropicos se dizemos que por em quanto a escravatura local na provincia oriental d'Africa é de toda a utilidade. Com a sua abolição não vem proveito algum, nem aos brancos, nem aos pretos, e muito menos á provincia. Sem escravatura não é possivel fazer cousa alguma alli, porque a jornal não se encontram trabalhadores livres, e algum que por acaso apparece, é por excessivo preço, nada faz, e se apertam com elle, foge. A condição do escravo, alli, é mais feliz do que a dos negros livres do sertão, e mesmo dos colonos; e tanto assim é, que não ha escravatura alguma onde não haja muitos escravos que voluntariamente se venderam, sem mesmo serem elles que se aproveitam do preço da venda, mas sim o parente. Ha tambem outros que se fazem escravos voluntariamente, quebrando *milete*.

O negro vende o corpo da fórma seguinte. Tendo feito eleição de um senhor a quem quer servir, pela noticia que tem de que trata bem os escravos, se lhe apresenta, e lhe diz que quer vender o corpo, e ser seu escravo. Então o senhor, informando-se de quem é o seu dampse, isto é, a pessoa que pelo direito cafrial tem dominio sobre elle, como pae, irmão, ou tio a quem pertencesse a herança, (porque todos os bens dos cafres, a que chamam *banja*, pertencem a um só: até os irmãos, sobrinhos, etc., pertencem ao herdeiro, com direito de vendel-os) e manda-lhe dizer que F... está em sua casa para vender o corpo. Com este recado comparece logo, e ouve da bocca do negro, e em presença do amo, o que se lhe mandou dizer; á vista do que annue, e recebe o pagamento, que consta de uma peça de zuarte, um frasco de aguardente, e dois lenços, com que se retira, ficando o negro escravo de facto e de direito, recebendo tambem duas braças de fazenda para seu vestuario. Os negros assim adquiridos não podem ser vendidos para fóra, ou exportados; porém o abuso da força tem infringido a lei.

Outro meio de voluntariamente se escravisarem é entrarem em casa de um individuo, de que tem feito escolha, quebrar-lhe alguma cousa, por insignificante que seja, ou rasgar-lhe parte do vestido, d'elle, ou da familia. Por este facto considera-se ficar escravo, e como tal recebe um panno de vestuario.

Em epochas de esterilidade e fomes ha muita concurrencia de escravos voluntarios por estas duas fórmas, e ainda se servem de outro meio, que é apresentar-se o negro a pedir que lhe dêem de comer, porque quer ser escravo. Sendo recebido, pelo simples facto de ter sido sustentado pelo dono da casa, considera-se seu escravo, porque, se não achasse alli sustento, teria morrido. É principio do direito cafrial!

As escravaturas na Africa oriental são adquiridas, tanto pelos meios acima mencionados, como por compra no sertão, em leilões, refugos que ficam dos embarques, pagamentos de dividas, presentes de regulos, etc. Até 1819, epocha em que começou sensivelmente a decadencia da nossa provincia n'aquella parte da Africa, e em que aportou o primeiro navio a Quillimane, vindo do Brazil para levar negros, havia em Rios de Sena escravaturas numerosas, algumas de tres a quatro mil negros, empregados na cultura, mineração de ouro, e commercio. Havia uma abundancia e riqueza immensa. D'essa epocha em diante começou progressivamente a affluencia de navios a comprar negros, de fórma, que só de Quillimane se chegavam a exportar 14,000 por anno. Os proprietarios, tentados pelo interesse e pela facilidade que tinham de obter outros; tentados pelo lucro fabuloso que deixava este commercio, abandonaram tudo o mais, acabaram com as escravaturas, e por fim, até os mesmos colonos livres foram embarcando. Não havia negros que chegassem para completar as carregações: os que ficavam eram refugo de pouco prestimo.

Ha differença consideravel entre o negro boçal que vem do sertão, a que chamam *burro*, e o negro ensinado a que chamam *ladino*: aquelles estão muitas vezes em casa um anno sem saberem fazer cousa alguma. As escravaturas são divididas em escravos de cultura, e escravos de porta. Os primeiros são destinados á agricultura, ao fabrico das casas, ás expedições ao sertão, etc. As negras são exclusivamente empregadas na cultura das terras: só para as vigiar e dirigir é que andam com ellas alguns homens. Os escravos da porta são empregados no serviço domestico e interno das casas: chamam-lhes *bandazios*, e são designados com o nome de *bichos*.

As escravaturas dividem-se em *issácas*, commummente de 10 negros cada uma, que tem um *sá-checunda* que a governa e responde por ella, assim como um *muscáta* que suppre o seu logar, e o ajuda. A escravatura toda é governada por um *muanamambo*, ou capitão, que tem ás suas ordens um outro negro com o nome de *bázo*, o qual transmitte todas as ordens do muanamambo aos sá-checundas. Todos estes postos são occupados pelos escravos melhores, e de mais confiança: são investidos pelo senhor: no muanamambo recáe toda a confiança; mas não obstante isto, quando o merece, leva baixa de posto, e é castigado. As negras são organisadas do mesmo modo em issácas de 10 cada uma, governada por uma *inhancóda* que corresponde ao sá-checunda dos negros; e todas aquellas governadas por uma capitôa, que tambem tem a sua *bázo*. Os escravos são conhecidos pelo nome de *checundas*. Um dos empregos em que as negras são muito empregadas é na conducção de cargas, como mantimentos, bagagens, etc., que tudo conduzem á cabeça. Os bandazios, ou bichos, são empregados como entre nós, os criados, inclusivè a acompanhar o amo quando sáe, levar-lhe o cachimbo e tabaco, para dar-lh'o prompto e acceso quando o pede, assim como carregarem-o na maxila, que é a carruagem de lá. Quando o senhor está para saír, pegam quatro moleques na maxila, ou maca, e põem-se á porta á espera que sáia, e logo que entra n'ella partem de carreira. Quando chegam ao logar do destino, encostam a maxila á casa, ou a alguma arvore, e vão todos para a cosinha, onde se põem de cócoras, em conversa, que, por via de regra, versa sobre novidades e occurrencias havidas em casa dos amos; seus successos amorosos, e com quem; suas comidas, etc.

Ainda hoje não ha casa em Rios de Sena que tenha menos de vinte bandazios ou criados, sempre para mais, de ambos os sexos, que são empregados em cozinheiros, padeiros, doceiros, copeiros, criados dos quartos, etc.

Logo que é dia, levanta-se toda a sucia. Começam as negras a varrer as casas, cujo pavimento é de terra: de oito em oito dias, ou quando o precisam, vão renoval-a, carregando cestos cheios d'ella amaçada com agua. Sendo em consistencia molle vão com as mãos barrando e endireitando o pavimento, e depois com um seixo lizo pulem-o muito bem, e fica prompto. Depois de varrerem vão buscar agua para o serviço da casa, em panellas grandes, que carregam á cabeça: váe o cozinheiro com a pessoa encarregada da despensa receber os objectos para o almoço e jantar, incluindo o arroz que está com casca, e que é descascado em pilões pelas negras. O cozinheiro retira-se para a cozinha, que é sempre separada da casa, e no fundo do quintal. Acontece muitas vezes carecer de azeite: n'este caso leva o cozinheiro os côcos precisos, e d'elles o faz. Ha muitas pessoas que, quando se querem levantar, chamam o bandazio do quarto, que lhe deita a camisa,

calça-lhe as meias, segura-lhe as ceroulas e calças, para as vestir, e por fim calça-lhe as chinellas. A todos, quando se levantam, se lhes apresenta um bandazio com a bacia de mãos, outro com um vaso com agua (são raros os jarros), outro com os braços abertos, e n'elles uma toalha, outro, finalmente, com uma raspadeira para a lingua, geralmente de prata (tambem alguns a usam de bambu), e uma caixa com pós para os dentes. O da bacia chega-a, e o senhor põe-lhe as mãos em cima; o da agua váe deitando. Lavando-as e esfregando-as uma na outra, o senhor toma n'ellas agua, e leva-a á bocca, enchendo-a e lavando-a mui bem; após deita a lingua de fóra, e com a raspadeira a raspa bem. Em seguida esfrega os dentes com os pós, servindo os dedos de escova; por fim lava o rosto, recebendo sempre nas mãos a agua que lhe cáe na bacia. Quando mui bem lavado, toma a toalha, e limpa-se. Todo aquelle exercito que serviu á lavagem de um homem, que no fim de tanta cousa fica côr de sôrva, se retira. Depois da lavagem, e muitas vezes em quanto se está limpando, já está um escravo com o cachimbo prompto e acceso. Os cachimbos costumam ser de barro, com um caniço muito comprido por onde se aspira. Em quanto fuma, entretem-se em receber e mandar comprimentos, que vem a ser mandar os moleques dar os bons dias, e saber como alguem passou a noite. « *Mezungo préca bom diazê, vunza passáre cutane.* » Resposta de tarifa: « *Passáre piadide, dacuta, calogéra mezungo.* » Se é senhora que manda o comprimento a outra senhora, é então negra que váe na mensagem. São as mesmas palavras, mas em logar de *mezungo* dizem *dona*. Se a mensagem é de senhora para homem, o mensageiro é negro. O mensageiro, quando se apresenta a fazer os comprimentos, sem dizer palavra chega defronte do individuo, cruza os braços, faz uma genuflexão arrastando o pé, e depois dá seu recado. Recebendo a resposta, repete o arrastado do pé, e retira-se. As negras chegam-se da mesma fórma diante da senhora, cruzam os braços, e perfilando os pés, fazem uma mesura dobrando os joelhos quanto podem, e voltando a cara para o lado. O mesmo repetem quando se retiram, depois de dada a mensagem. Todas as manhãs gasta a molecagem pela rua cruzando-se de umas casas para as outras, só em comprimentos.

As senhoras praticam o mesmo, que fica referido, da lavagem, etc., com a differença que são servidas por negras; e posto que tambem usem de cachimbo, comtudo o caniço é mais curto. Outras usam do canudo, que é tabaco embrulhado em folha de bananeira, formando um pequeno cóne, que accendem pela base.

Chegada a hora do almoço, vem um moleque dar parte que está na mesa. Sempre que falla com o amo, é com a formalidade de perfilar-se, cruzar os braços, mettendo as mãos nos sovacos, e dar uma grande raspadela de pé para traz. Indo a familia para a mesa, toda a molecagem fórma um muro por detraz das cadeiras. Ainda mesmo que seja uma só pessoa que esteja á mesa, o numero dos servidores é o mesmo. Se tambem ha senhoras, então são de ambos os sexos. Quando é preciso mudar de prato, ha dois e tres ao mesmo tempo a tiral-o: o que o leva para dentro váe comendo os sobejos, limpa o prato com os dedos, lambe-os, e depois limpa a mão ao corpo. D'esta forma fica o prato completamente limpo!

Acabado o almoço, todas as iguarias que ficaram na mesa vão para dentro, e são repartidas por todos os bandazios de serviço. GAMITTO.

É necessario ocio para o encanto da vida: os espiritos entregues a serios cuidados não podem ser dotados de doçura. (*S. Beuve*).

PROBLEMA.

4 — Perguntando-se a um estudante da eschola polytechnica que edade tinha, deu a seguinte resposta: a minha edade é expressa por um numero composto de dois algarismos significativos. Tirando-lhes os noves resta 7; extrahindo-lhes os 11 fica 5; dividindo o dito numero por 7 resta 2; por 5 fica um, e por 4 fica zero. Pergunta-se qual é a edade d'este estudante?

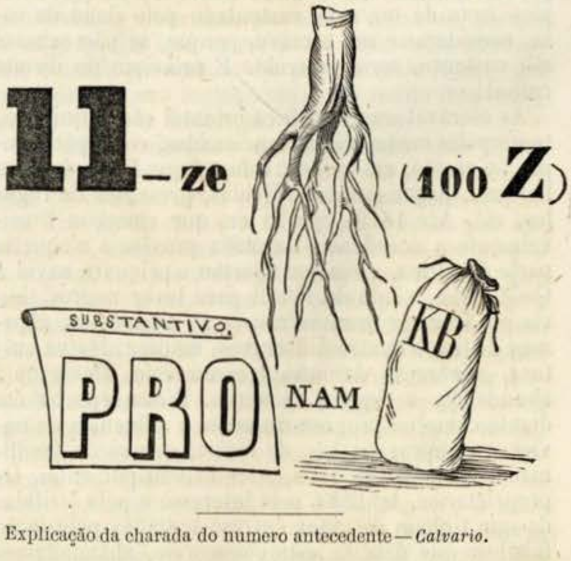
JOGO DA HISTORIA IMPOSSIVEL.

O seguinte jogo não é novo; entretanto, pouquissimas pessoas o conhecem; por isso, e porque abunda em combinações tão imprevistas, como engraçadas, julgámol-o proprio para occupar no serão do nosso domingo um quarto de hora em que falte ou descance a musica, ou qualquer outro artistico divertimento.

Cada um dos assistentes toma para si uma letra do alphabeto, a que mais lhe agrada, excepto um que a sociedade haverá designado para narrador. Estabelecido o silencio, começa o narrador uma historia, para a qual irá pedindo de momento a momento uma palavra a cada um dos da roda, a qual principie pela letra que elle escolhêra; pedil-as-ha salteadamente, se quizer, e mesmo duas, tres, ou quatro vezes a um, se o desejar, as quaes palavras elle entrelaçará o melhor que possa no seu conto. O modo de pedir a palavra a cada um dos seus ouvintes, é apontando para elle, tomando-lh'a apenas proferida, e progredindo sempre sem parar. Todo aquelle que hesita em lhe acudir com a palavra pedida, ou lh'a dá que principie por letra diversa da sua, paga prenda. Exemplo de um começo de historia. — « *Havia na cidade de?*... T — Tulipa — « *um homem chamado?*... L — Lêsma « *que negociava em?*... O — Ossos « *e tinha ganho n'esse trafego o melhor de trinta mil?*... P — Persovejos — « *Este homem vendo-se tão rico, lembrou-se de edificar um palacio*, etc.

O descriptivo é o grande recurso do narrador.

ENIGMA.



Explicação da charada do numero antecedente — *Calvario.*

Explicação do enigma do numero antecedente.

Para velhaco, velhaco e meio.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 P.